

V SIANCO



SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ANÁLISE COGNITIVA 15 a 19 de setembro de 2025

Temática: O campo multirreferencial da Análise Cognitiva: Tendências e desafios na atuação profissional

Organização **Programa de Pós-Graduação em Difusão do Conhecimento**



Apoio



Financiamento



RESUMO EXPANDIDO

EIXO TEMÁTICO: DIFUSÃO DO CONHECIMENTO

RESSIGNIFICAÇÃO DO CÂNONE LITERÁRIO BRASILEIRO: ORALIDADE E MEMÓRIA NA OBRA *DE BENEDICTA & TIBÉRIO À MÃE STELLA DE OXÓSSI: a vida em tempo de viver (1850-2025)*

Oswaldo César Fernandes Copque¹

Silvar Ferreira Ribeiro²

Introdução

O cânone literário brasileiro foi historicamente formado por critérios eurocêntricos, relegando a produção afro-brasileira a um lugar periférico (DUARTE, 2014, p. 113). A necessidade de uma revisão crítica desse paradigma é central. Segundo Duarte: “a cada dia a pesquisa nos aponta para o vigor dessa escrita [...] essa literatura não só existe como é múltipla e diversa. A proposição para a construção de uma análise cognitiva em andamento para produção de um artigo científico se ancora na publicação e lançamento do livro *De Benedicta&Tibério à Mãe Stella de Oxóssi a vida em tempo de viver 1850-2025*. A abordagem metodológica será análise e disposta na perspectiva da fenomenologia, emergência nos

¹ Doutorando Programa Pós-Graduação Multiinstitucional em Difusão do Conhecimento (2025.1). Universidade Federal Bahia.

² Pós-Doutorado pela Open University - Reino Unido - Knowledge Media Institute (KMi-OU), (2016/2017) com apoio da CAPES (Processo 7537/2015-08). Doutor em Difusão do Conhecimento (Ufba/Uneb/Uefs/Lncc/Ifba/Senai/Ufabc), Estágio de Doutorado Sanduíche pela Open University - Reino Unido - Knowledge Media Institute (KMi-OU), (2013) .

sistemas sociais complexos, oralidade, essa que é a base da educação africana possui a sua lógica e metodologia própria, análise documental, pesquisa historiográfica e genealógica.

Diego Copque, um intelectual negro retinto, de formação cristã, mas não religioso, entrega à sociedade soteropolitana e ao mundo um livro que traz à luz a trajetória dos ancestrais africanos escravizados na Província da Bahia de Maria Stella de Azevedo Santos, mais conhecida como Mãe Stella de Oxóssi, a dama negra da Bahia.

Objetivos

1. Problematizar a construção histórica do cânone literário brasileiro e seu caráter excludente.
2. Destacar como De Benedicta & Tibério à Mãe Stella de Oxóssi a vida em tempo de viver 1850-2025 confronta esse cânone por meio de ressignificação simbólica e narrativa a oralidade.
3. Contribuir para a formulação teórica de um cânone afrocentrado e inclusivo.

Metodologia

A pesquisa combina análise documental (acervos históricos), fenomenologia, sistemas adaptativos complexos, pesquisa bibliográfica (crítica afro-brasileira), técnica da pesquisa a história oral envolvendo o protagonismo social e análise literária do estudo historiográfico, sobre a ancestralidade de Mãe Stella de Oxóssi. Fundamenta-se teoricamente em autores como Duarte (2014), Evaristo (2011) e Rodrigues sobre representatividade de um cânone alternativo ou inclusivo. Esses relacionados a uma possível quebra de cânone na literatura sobre o valor epistemológico não ocidental

Resultados e Discussão

- **Cânone excludente:** A literatura afro-brasileira foi historicamente silenciada, embora sua presença seja rica e diversa.
- **Afrocentrismo narrativo:** Duarte (2014, p. 321) afirma que “autoria, temática, ponto de vista e linguagem [...] fundado no ser e no existir do negro” são elementos essenciais para a literatura afro-brasileira.

- **Ressignificação simbólica:** De *Benedicta & Tibério* à *Mãe Stella de Oxóssi* a vida em tempo de viver 1850 – 2025 se conecta à oralidade como um saber legítimo e complexo de epistemologias africana e afro-brasileira, afrodiaspórica, como ferramenta de autoreferencialidade e construção de memória, rompendo a subalternidade da narrativa eurocêntrica. O sujeito é protagonista da sua própria história social.

Conclusão

A superação do cânone excludente brasileiro exige a legitimação da literatura afro-brasileira em seus próprios termos não como objeto marginal, mas como centro de um repertório literário plural. De *Benedicta & Tibério* à *Mãe Stella de Oxóssi* a vida em tempo de viver 1850-2025 representa um modelo de intervenção simbólica eficaz ao reafirmar a autoridade narrativa da experiência negra, essencial para a descolonização literária.

Na contemporaneidade, a urgência é clara: precisamos lançar as sementes da memória e da história. Para isso, é fundamental reconhecer o valor da historiografia e, principalmente da oralidade como um saber legítimo e complexo. Ao tratar desse tema, o estudo abraça um caminho ousado: desaprender lições da colonialidade, desafiando a visão ocidental dominante que marginalizou e silenciou outras formas de conhecimento.

Historiadores e pesquisadores, muitas vezes impregnados de epistemologias ocidentais, devem, ao entrar em contato com comunidades e culturas não ocidentais, questionar as suas próprias lentes teóricas e revisar os sistemas hierárquicos de saber. Essa crítica e reflexão são essenciais para uma compreensão mais profunda do papel da oralidade na preservação da memória histórica africana.

A oralidade, em sua essência não é apenas uma forma de contar histórias, mas um método sofisticado de transmissão de saberes que se entrelaça com a vida cotidiana e manifesta no espaço social de maneira intransigente. A palavra “no continente africano” carrega um peso profundo onde a verdade tem o poder de moldar a sociedade e determinar a posição social de uma pessoa de forma mais duradoura do que qualquer outra punição.

A reputação de um mentiroso, por exemplo, pode perdurar por gerações, afastando toda a sua linhagem. Quando discutimos a oralidade africana, não podemos cair na armadilha de pensar nela como algo secundário ou “incompleto” em comparação à escrita. Na verdade, à oralidade tem sua própria lógica, sua própria metodologia. Cada contador de histórias é um guardião da memória e a tradição oral forma de registro não tangível que transcende gerações.

O protagonismo não está apenas nos livros, mas na oralidade, que é a base da educação africana. Este livro, ao se debruçar sobre a oralidade, a história e a memória, visa conectar-se com o rigor e a seriedade dos tradicionalistas que preservam a história de seus povos através da fala.

Eles não são mais do que simples narradores, são arquivistas vivos da história, detentores de um saber que, às vezes, não está registrado em papel, mas gravado na alma das pessoas e na memória coletiva.

Ao conjugar à pesquisa documental com a oralidade o autor inaugura criativamente uma abordagem metodológica emergente como retórica a um processo sistemático de desconstrução de memórias fundamentado por uma lógica colonizadora que enxerga a cultura negra como inferior.

Para romper o silêncio sobre as memórias coletivas negras, surge essa pesquisa que valoriza e tira do anonimato a história de uma família descendente de africanos escravizados; este estudo é, sem dúvida, uma ferramenta contracolonial.

Este artigo em andamento sobre a obra, não trata apenas de uma investigação historiográfica, mas é, antes de tudo, uma forma de reconstrução da nossa identidade africana. O autor resgata e nos devolve histórias que foram perdidas, ou melhor, intencionalmente esquecidas.

Este trabalho busca lançar sobre o valor de uma memória viva que não se perde totalmente com o tempo, mas se transforma e se renova com cada geração que a recebe.

Copque (2025) enfatiza que as tradições orais são representações de um passado às vezes bastante longínquo que, no decorrer do tempo, podem ser recriadas ou mesmo perdidas. Além de documentos oficiais e textos escritos, tudo o que é produzido pelo homem pode ser considerado uma fonte histórica.

(COPQUE 2025, p.22) utilizou para cruzamento de dados fontes documentais eclesiais de batismo, casamento e óbitos através do Programa Family History Center (Centro de História da Família), projeto pertencente à igreja dos mórmons que serviu como suporte para a reconstituição da trajetória de vida dos envolvidos nessa história, além de vários documentos custodiados pelo Arquivo da Santa Casa da Misericórdia da Bahia, revistas e jornais raros disponibilizados pela Biblioteca Nacional, documentos do Arquivo Histórico

Ultramarino de Lisboa, fotografias, mapas e uma vasta bibliografia que aborda diversos temas relacionados a esta dissertação.

Os documentos oficiais não são portadores de uma verdade absoluta, mas vestígios de fatos sociais. Vale também ressaltar que as fontes oficiais foram geradas através de pessoas que representavam o status quo e atos administrativos do governo.

Consoante Copque (2025) por trás dessas ações, existe uma intenção cujos propósitos nem sempre são explícitos. Por conseguinte as fontes históricas oficiais não estão isentas de manipulações, equívocos e deturpações, e por essa razão os historiadores dialogam com essas fontes.

Em tempos de escuridão, racismo, fake News e apagamento histórico, o conhecimento ancestral precisa ser reavivado. A oralidade não é uma prática obsoleta, mas dentre outras, uma chave vital para compreendermos o passado e assim moldarmos o futuro.

Recuperar as histórias do povo negro, suas memórias, genealogias e tradições ancestrais é um passo fundamental na luta pela valorização a cultura afrodiáspórica no Brasil. Só assim, poderemos avançar não apenas no campo educacional, mas também na construção de uma sociedade verdadeiramente plural que se reconheça em sua totalidade e honre todas as suas origens.

REFERÊNCIAS

COPQUE, Diego de Jesus. De Benedicta&Tibério à Mãe Stella de Oxóssi: a vida em tempo de viver 1850-2025 / Diego de Jesus Copque, apresentações de Oswaldo César Fernandes Copque; prefácio Fernando Coelho. Salvador-Bahia: Cogito Editora, 2025. ISBN 978-65-83006-45-5.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Por um conceito de literatura afro-brasileira*. Terceira Margem, Rio de Janeiro, nº 23, p. 113–138, jul./dez. 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

GOMES; JORGE (Orgs.), 2008, p. 85.
EVARISTO, Conceição. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura afro-brasileira: 100 autores do século XVIII ao XXI*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 319–326.